

O PHAROL TRANSMONTANO.

PERIÓDICO MENSAL

DE

INSTRUÇÃO E RECREIO.

N.º 7.

AGRICULTURA (*).

Não ha, pois, duvida nenhuma, que as transformações systematicas e repentinas são sempre, na agricultura, custosas e arriscadas — e de ordinario, impossiveis; a não se tratar de alguma quinta exemplar, ou de um ou outro agricultor, que *saiba e possa* vencer tanta difficuldade, e lutar com tamanhos obstaculos, a qual mais poderoso e resistente.

E o que assim é verdade em these, o que nenhuma Nação, por mais adiantada, pôde ainda coaseguir, deve-lo-hiamos nós agora vir lembrar para o nosso Districto, em posição aliás tão excepcional? — Capitaes, não os tem; o clima em geral, é como temos visto; agentes intermedios — que para a direcção, e para o bom exito de qualquer tentativa, são tudo — não os ha.

Depois, qual o giro de culturas mais apropriado para o nosso Paiz, ou antes para as suas diversas localidades? Seria conveniente, quando possivel, acabar d'uma vez com o systema dos pastos communs? Como remediar, e obviar a subdivisão da propriedade? Qual a sahida provavel para os generos?

Pela nossa parte, devidamente apreciadas as ponderações que mais de uma vez temos feito, e bem pezado tudo, não hesitamos em nos pronunciar a favor do aperfeçoamento gradual, e da modificação lenta do systema rotineiro. Só assim é que concebemos a possibilidade de chegar um dia ao maximo gráo

de perfeição na economia rural do nosso Paiz, e de conseguir, para os seus interesses agricolas, um desenvolvimento real, verdadeiramente progressivo, e de proveito.

E querem os nossos agricultores saber como pensava, áquelle respeito, um distincto agronomo — que por certo lhes não será suspeito —, depois de dez annos de pratica, de experiencia, e de observação? — Ah! tem as proprias expressões de M. de Dombasle:

«Aonde, continúa o auctor, se deveria buscar um systema de cultura, economico, simples, e apropriado ás varias circumstancias de toda e qualquer localidade? . . . Pouco custoso seria de encontrar. *O systema agricola geralmente admittido em cada localidade*, é justamente aquelle de que se deve lançar mão, e pelo qual convém começar. Não direi que essa pratica geral seja sempre a melhor, muitas vezes será má; entre tanto é o unico meio que quem quer pôde adoptar sem o risco de se arruinar, e até com toda a probabilidade de lucrar, uma vez que haja a devida cautela e prudencia. Além de que, ainda mesmo que aquelle systema tenha, no seu todo, alguma defeito, nem por isso se segue que não sejam boas algumas das praticas diversas de que elle se compõe. A rotina é cega, não ha duvida, mas, ainda qm

(*) Veja-se a pag. 81 deste Jornal.

O Rabagal, com 12 legoas, em que entra o Muste, Ribeiro Novo, rio Torto, Lilella, e outros.

O Tuella, com 11 legoas, em que entra o Baceiro e o Macedo.

O Sabor, com 21 legoas, em que entra o ribeiro de Gimonde e o rio Penacal junto com o Fervença, o Maçãs com o Angueira, os ribeiros de S. Ceriz, de Castello Branco de Meirinhos, o Azibo, Zacarias e Vilariga.

As serras mais notaveis são — a Cabreira e Gerez, no Concelho de Ruivães — Larouco e Leiranco em Mont' Alegre — Alturas, no Concelho das Boticas — Mariola, em Chaves — Mairós, em Monforte — Alvão, em Ribeira de Pena — Marão, em Mezã-frio — Amezio, em Villa Real — Santa Comba, em Lamas d'Orellhão — Bornes, em Chacim e Alfandega da Fé — Serra de Moncorvo — Jalepo, em Mogadouro — Lagoaça, em Freixo d'Espada á Cinta — Coròã, em Vinhaes — Montezinho, Senhora da Serra, e Alimonde, em Bragança. Todas, ou a maior parte destas montanhas, pertencem aos terrenos ou formações primarias, e são compostas de grés, granitos, &c. onde as estradas vão encontrar um leito de rocha viva e desigual. Fóra destes pontos, a constituição geral deste Districto de Bragança, e quasi de toda a provincia transmuntana, é de rochas e tórrenos argilozos, que retendo as agoas, fórmam em logares planos profundos atoleiros, que exigem para o leito da estrada um empedramento, que em partes tem de ser assaz custoso, pela distancia a que ha de ser necessario hir buscar os materiaes, que faltam em muitas localidades. Onde o terreno é inclinado, a mesma razão da sua natureza fará que, não podendo as agoas ser coadas e absorvidas, todas as que caírem serão vazadas para os valles, levando em seu impeto terras e pedras, descalçando estradas, e destruindo plantações, como não raras vezes acontece.

Desta sorte, as estradas de Bragança a Villa Real — de Villa Real a Chaves — de Chaves a Braga e a Guimarães, estão reclamando importantes e dispendiozas reparações, tanto por sua má construcção, como pelo pessimo estado em que se acham, as-

sim como a de Villa Real á Regoã, cujo traçado e construcção convém completar.

A estrada da Regoã a Canellas, Fabaio e Sabroza, parte da qual é de moderna construcção, precisa de consideraveis reparações.

A de Chaves a Ribeira de Pena, seguindo as margens do Tamega, carece de tantos trabalhos de reparação, que importam um traçado novo do seu leito.

A estrada da Foz e do Caes das Cabanas a Miranda e a Constantim da Raia, de tão grande communicação e transito com o paiz vizinho, suposto se deva considerar de todas a melhor da provincia, nem por isso deixa de precisar d'alguns reparos, sobretudo nas tres legoas proximas ao Douro.

A estrada de Bragança ao Caes das Cabanas, talvez a mais transcendente do Districto, em alguns pontos, ou em quasi toda está intransitavel, mormente para transportes de qualquer consideração.

As ramificações desta para Chacim, Carção e Argozêlo, e para Villa Flôr e Carrazeda d'Anciães, precisam de não menores reparações e trabalhos.

Em vista de tão deploravel systema de communicações, não admirará que entre nós se não tenha ainda estabelecido uma *diligencia*, uma *sege de posta*, ou uma *mensageira*, porque nenhuma daquellas estradas permite mais do que os transportes em recuas de cavalgadas, e difficilmente em peizados carros, que carecendo de grande numero de conductores, se tornam tão prejudiciaes á agricultura e ás demais industrias, a quem roubam os braços de que tanto prezizam para o seu mais completo desenvolvimento. Para conhecermos até que ponto a falta de communicações nos encarece a producção, bastará notar, que o sal, cujas despesas de condução até á Foz do Sabor lhe elevam o preço a 180 r.^s, se vende a treze legoas de distancia pelo dobro e mais — e que productos que entre nós se compram por 40 e 80 r.^s, se vendem no mercado da cidade do Porto por 240 a 600 r.^s

Nestas circumstancias pouco importará que os nossos agricultores applicuem todos seus esforços, e redobrem seus cuidados para

produzir com mais abundancia — pouco importará que a Providencia se nos mostre propicia, prodigalizando-nos os inapreciaveis dons de uma temperatura benefica e creadora — e pouco importará que os portos de Inglaterra se abram ás embarcações estrangeiras, e que passado o curto periodo de tres annos alli se permita a importação de cereaes livres de direitos; tudo isto será inutil se se não remover o obstaculo invencivel que impede a exportação dos generos de nossa producção agricola.

Felizmente o Governo vai estar habilitado para satisfazer a esta necessidade nacional, porque as Camaras lhe concederam um credito sufficiente para as communicações de maior urgencia. Algumas povoações estão já experimentando os bons resultados de uma medida reclamada tão imperiosamente para o bem geral, e interesse do paiz; e nós pediremos incessantemente ao Governo, e esperamos que a nossa provincia não seja das ultimas a partilhar com ellas os beneficios da proposta abertura das estradas do paiz, e da consequente circulação e multiplicação dos valores.

Das estradas que acima mencionamos, a de Bragança ao Caes das Cabanas, com as suas ramificações para Chacim e Carrazeda, &c., é, repetimo-lo, talvez a mais transcendente para este Districto, assim como todas as que confluem ao Douro o são para toda a provincia; não só porque pela disposição topografica do paiz encontram menos serranias a cortar, e menos obstaculos a superar; como, e principalmente, pela commodidade e vantagem, que resulta do aproveitamento da via fluvial, que nos proporciona uma não pequena parte daquelle rio, por onde o custo do transporte já agora é muito mais modico.

Temos porém outras razões ainda para assim o entendermos. Em economia politica não ha sómente que attender ao transporte de certo pezo, ou de um volume dado de mercadorias, e aos riscos e avarias a que está sujeito em cada systema de viação; mas tambem aos valores consumidos para reembolçar essa despeza, e por isso deve aproveitar-se a navegação todas as vezes que

as circumstancias o permittam, porque os outros transportes de que por ora podemos lançar mão, além dos *vehiculos*, absorvem em pura perda o valor dos animaes que os conduzem, do maior numero d'homens que os acompanham, das estalagens que os hospedam ou recolhem, das manufacturas que os vestem, do solo destinado á cultura do trigo, centeio, cevada, &c., para forragens, e para sustento dos homens e dos animaes; e finalmente ao valor do trabalho dos mesmos homens, que são um capital productivo, e cuja inacção é mais ou menos onerosa, mas sempre deploravel e prejudicial.

Estes principios incontrastaveis da sciencia economica não podiam ter escapado á Junta Geral deste Districto, e por isso as deliberações tomadas desde a Sessão Ordinaria de 1839, tem sido tendentes ao aperfeiçoamento daquella estrada, aperfeiçoamento que se tem obtido em proporção das forças do Districto, e dos estorvos que se encontravam, e não podem deixar de levar igualmente o Governo, que com tanta sollicitude tem olhado para este importante ramo do serviço, a facilitar-nos a conclusão da obra começada, mandando construir com preferencia a parte da estrada que fica entre Bragança e Podence (3 legoas), e que está incluída na de Bragança a Villa Real, que se acha comprehendida no mappa geral das communicações, approved pela Carta de Lei de 26 de Julho de 1843.

D. A.

Novo modo de empregar a creosote na conservação das carnes, e do pescado.

A creosote é, como se sabe, uma das substancias antisepticas, que se conhecem, e, como tal, já hoje de muito uso na medicina, na economia domestica, e nas artes. Os unicos modos porém como havia sido empregada para preservar da putrefacção as materias animaes, eram ou expondo estas ao fumo d'uma fogueira de lenha, ou mergulhando-as durante um certo tempo em agoa, que contivesse algumas gottas de creosote.

As materias alimentares, sobre as quaes se tenha empregado qualquer destes dois meios podem, como é sabido, conservar-se durante longo tempo sem se alterarem; não obstante, tem estes processos um grande inconveniente, que é o contrahirem necessariamente as substancias assim tratadas um sabor, e um cheiro, proprios da creosote, e desagradaveis para a maior parte da gente: o methodo seguinte está livre deste inconveniente.

Dentro em uma caixa de pão, com a sua porta ou corrediça para poder fechar-se, se suspendam as peças de carne ou peixe, que pretendemos submeter á operação, e por baixo destas, um vaso contendo uma porção de creosote. Esta não tardará a desenvolver os seus vapores, que formarão uma athmosfera antiseptica em volta das substancias contidas na caixa, e isto principalmente se o vaso em que se lança a creosote fôr primeiro aquecido.

Quem não quizer empregar a caixa de madeira, que indicamos, poderá substitui-la, ainda que não tão vantajosamente, cobrindo com um pano as substancias animaes suspensas, e o vaso da creosote, que lhe fica por baixo.

Ha ainda outra vantagem neste emprego da creosote, é elle, que o seu cheiro activo affugentará as moscas, que com elle antipatizam.

Uma mesma quantidade de creosote póde servir por muitas semanas, mas por uma prolongada exposição ao ar, ella perde em grande parte o seu cheiro, e se transforma em uma especie de resina.

Este methodo, diz-se ter já sido applicado em grande por alguns carneiros da cidade de Paris, e assegura-se haver produzido optimos resultados.

A. F. de M. P.

Processos para produzir o ondeado sobre a folha de Flandres.

Os processos pelos quaes se dá á folha de ferro estanhada grande brilho em sua superficie; o aspecto da madre-perola, e va-

rias outras figuras irregulares, são hoje de grande uso: não obstante, poucos de nossos artistas, fóra das grandes capitaes, sabem ainda applica-los; e mesmo dos que possuem o segredo, alguns o não empregam em toda a extensão dos verdadeiros processos.

Nem toda a folha serve para o fim indicado; deve escolher-se a que offerecer uma superficie mais bem estanhada, mais igual, e mais liza: estas circumstancias são essenciaes para o bom resultado da operação, e a folha que satisfaz melhor a taes condições é a verdadeira folha ingleza, por ser neste paiz onde ella melhor se prepara.

Escolhida a folha, tomem-se duas onças d'acido hydro-chlorico (acido muriatico, espirito de sal), deitem-se em um pequeno frasco de vidro com cinco onças d'agua; então se lhe ajuntem seis oitavas d'acido nitrico (agua forte) de 40 grãos. Estando tudo bem combinado, lance-se parte desta mistura em vaso de barro vidrado de branco, ou de vidro, molhe-se levemente nella uma esponja, e passe-se esta rapidamente, porém com uniformidade sobre a superficie da folha estanhada.

Poucos instantes depois, se verá o ondeado perfeitamente desenvolvido: é então necessario lavar immediatamente a folha com agua, que tenha em dissolução uma pequena quantidade de potassa, ou com agua de cal, a fim de a despojar do acido o melhor possivel. Termina-se lavando em agua limpa, e enxugando muito bem com um pano.

Sem estas precauções o ondeado ficaria escuro, e as cores, que se lhe dessem com o verniz seriam de pouco merecimento; e isto principalmente se o verniz fosse branco.

Juntando maior, ou menor quantidade d'agua á mistura acima dita, obter-se-hão muito diversas, e agradaveis variedades no ondeado; porém em todo o caso, o contacto do liquido com a superficie da folha não deve ser muito prolongado, depende isso de certa dexteridade da parte do artista: tambem o liquido se não deve lançar todo junto no vaso d'onde se tira com a esponja, mas sim pouco a pouco, lavando o vaso de tempo a tempo, e mudando até d'esponja.

Além do processo indicado, o ondeado

póde produzir-se com outras composições, taes são:

1.^a = Chlorureto de sodio . . . 3 onças.

Agoa commum 8 onças.

Vascoleje-se bem esta mistura, dentro em frasco de vidro, e junte-se-lhe

Acido nítrico de 3¼ grãos. . 2 onças e meia.

Vascoleje-se novamente até perfeita combinação, depois do que se usará:

2.^a = Chlorureto de sodio. 3 onças.

Agoa commum. 8 onças.

Acido hydro-chlorico a 22 gr. 3 onças.

Proceda-se como acima.

3.^a = Chlorureto de sodio. 3 onças.

Agoa commum 8 onças.

Acido sulfurico a 66 grãos. 3 onças.

O acido deve juntar-se em ultimo lugar, gotta a gotta, e tendo o frasco pouco rollado, e agitando brandamente tudo, para evitar a grande desenvolução de calorico.

Estas composições não devem ser empregadas senão depois de algumas horas de repouso, e havendo sido separadas de qualquer deposito, que das mesmas se origine. Applicam-se pela fórma dita no primeiro processo.

Estas receitas são em grande parte tiradas da obra — Collecção de receitas, e segredos particulares, &c. do Sr. João Baptista Lucio — a qual muito recommendamos a todos os nossos artistas.

A. F. de M. P.

Meio simples de preparar o acido sulfuroso.

Lançai uma pouca d'agoa em um vaso. bacia, ou balde; colcai no meio deste um tijolo ou pedra, que fique fóra d'agoa, e sobre este alguns pequenos bocados d' enxofre; lançai-lhe o fogo com um carvão aceso, e quando elle arder, cobri-o com um alguidar, ou outro vaso apropriado, de modo, que fique colocado de boca para baixo, tendo as bordas mergulhadas na agoa do balde ou bacia.

O vapor branco, que se fórma pela combustão do enxofre, precipitar-se-ha sobre a agoa, dissolver-se-ha nella, e a acidulará. Repetindo a operação até que a agoa marque 2 ou 3 grãos no areometro de Beaumé,

tereis um bom acido sulfuroso, que poderá ser applicado vantajosamente nos diversos usos das artes; taes como para tirar aos estofos, e tecidos as nodos produzidas pelos succos vegetaes, para branqueamento das lãs, e tecidos das mesmas, &c.

Este acido não póde guardar-se muito tempo porque se altera, mas tal inconveniente está compensado pela facilidade de o obter.

A. F. de M. P.

Ação dos acidos mineraes sobre o chlorureto de ouro.

Para termos uma exacta idéa deste objecto, precisamos reverter aos factos geralmente conhecidos. Ao evaporar a solução do ouro no acido nitro-muriatico, o composto, que ao principio tem a côr de ouro, torna-se rubro carregado, logo que a agoa se evapora; e se se arrefece, congela-se em uma massa roxo-escura, muito fusivel, e solúvel outra vez em agoa, voltando á sua verdadeira côr amarella. Mas, se em lugar de arrefecer o sal, se expõe de novo ao calor moderado, mas com precaução, resulta chlorina, e o residuo faz-se côr de cidra, insolúvel em agoa; porém podendo-se nella decompor a certo tempo, é então solúvel, em parte, neste fluido. A massa róxa é um verdadeiro chlorureto de ouro: o residuo côr de cidra é um sub-chlorureto. Se o ultimo se aquece ainda mais, toda a chlorina escapa, e fica sómente o ouro.

Daqui se póde conceber facilmente a acção dos acidos mineraes sobre o chlorureto de ouro. Quando á sua solução (uma vez que não tenha excesso de acido muriatico) se ajuntar em pequena quantidade acido sulphurico concentrado, então não ha mudança; se se lhe ajunta muito, apparece um precipitado vermelho, que se torna amarello, e se redissolve ajuntando-lhe agoa. Este precipitado é chlorureto anhidroso de ouro. Quando depois de se ter ajuntado acido sulphurico á supra-mencionada solução, o liquido se aquece, e se evapora, até que o acido é sufficientemente concentrado a dar

As materias alimentares, sobre as quaes se tenha empregado qualquer destes dois meios podem, como é sabido, conservar-se durante longo tempo sem se alterarem; não obstante, tem estes processos um grande inconveniente, que é o contrahirem necessariamente as substancias assim tratadas um sabor, e um cheiro, proprios da creosote, e desagradaveis para a maior parte da gente: o methodo seguinte está livre deste inconveniente.

Dentro em uma caixa de páo, com a sua porta ou corrediça para poder fechar-se, se suspendam as peças de carne ou peixe, que pretendemos submeter á operação, e por baixo destas, um vaso contendo uma porção de creosote. Esta não tardará a desenvolver os seus vapores, que formarão uma athmosfera antiseptica em volta das substancias contidas na caixa, e isto principalmente se o vaso em que se lança a creosote fór primeiro aquecido.

Quem não quizer empregar a caixa de madeira, que indicamos, poderá substitui-la, ainda que não tão vantajosamente, cobrindo com um pano as substancias animaes suspensas, e o vaso da creosote, que lhe fica por baixo.

Ha ainda outra vantagem neste emprego da creosote, é elle, que o seu cheiro activo affugentará as moscas, que com elle antipatizam.

Uma mesma quantidade de creosote póde servir por muitas semanas, mas por uma prolongada exposição ao ar, ella perde em grande parte o seu cheiro, e se transforma em uma especie de resina.

Este methodo, diz-se ter já sido applicado em grande por alguns carnicheiros da cidade de Paris, e assegura-se haver produzido optimos resultados.

A. F. de M. P.

Processos para produzir o ondeado sobre a folha de Flandres.

Os processos pelos quaes se dá á folha de ferro estanhada grande brilho em sua superficie; o aspecto da madre-perola, e va-

rias outras figuras irregulares, são hoje de grande uso: não obstante, poucos de nossos artistas, fóra das grandes capitaes, sabem ainda applica-los; e mesmo dos que possuem o segredo, alguns o não empregam em toda a extensão dos verdadeiros processos.

Nem toda a folha serve para o fim indicado; deve escolher-se a que offerecer uma superficie mais bem estanhada, mais igual, e mais liza: estas circumstancias são essenciaes para o bom resultado da operação, e a folha que satisfaz melhor a taes condições é a verdadeira folha ingleza, por ser neste paiz onde ella melhor se prepara.

Escolhida a folha, tomem-se duas onças d'acido hydro-chlorico (acido muriatico, espirito de sal), deitem-se em um pequeno frasco de vidro com cinco onças d'agua; então se lhe ajuntem seis oitavas d'acido nitrico (agua forte) de 40 grãos. Estando tudo bem combinado, lance-se parte desta mistura em vaso de barro vidrado de branco, ou de vidro, molhe-se levemente nella uma esponja, e passe-se esta rapidamente, porém com uniformidade sobre a superficie da folha estanhada.

Poucos instantes depois, se verá o ondeado perfeitamente desenvolvido: é então necessario lavar immediatamente a folha com agua, que tenha em dissolução uma pequena quantidade de potassa, ou com agua de cal, a fim de a despojar do acido o melhor possível. Termina-se lavando em agua limpa, e enxugando muito bem com um pano.

Sem estas precauções o ondeado ficaria escuro, e as côres, que se lhe dessem com o verniz seriam de pouco merecimento; e isto principalmente se o verniz fosse branco.

Juntando maior, ou menor quantidade d'agua á mistura acima dita, obter-se-hão muito diversas, e agradaveis variedades no ondeado; porém em todo o caso, o contacto do liquido com a superficie da folha não deve ser muito prolongado, depende isso de certa dexteridade da parte do artista: tambem o liquido se não deve lançar todo junto no vaso d'onde se tira com a esponja, mas sim pouco a pouco, lavando o vaso de tempo a tempo, e mudando até d'esponja.

Além do processo indicado, o ondeado

póde produzir-se com outras composições, taes são:

1.^a = Chlorureto de sodio . . . 3 onças.

Agoa commum 8 onças.

Vascoleje-se bem esta mistura, dentro em frasco de vidro, e junte-se-lhe

Acido nitrico de 3¼ grãos. . 2 onças e meia.

Vascoleje-se novamente até perfeita combinação, depois do que se usará:

2.^a = Chlorureto de sodio 3 onças.

Agoa commum 8 onças.

Acido hydro-chlorico a 22 gr. 3 onças.

Proceda-se como acima.

3.^a = Chlorureto de sodio 3 onças.

Agoa commum 8 onças.

Acido sulfurico a 66 grãos. 3 onças.

O acido deve juntar-se em ultimo logar, gotta a gotta, e tendo o frasco pouco rollado, e agitando brandamente tudo, para evitar a grande desenvolução de calorico.

Estas composições não devem ser empregadas senão depois de algumas horas de repouso, e havendo sido separadas de qualquer deposito, que das mesmas se origine. Applicam-se pela fórma dita no primeiro processo.

Estas receitas são em grande parte tiradas da obra — Collecção de receitas, e segredos particulares, &c. do Sr. João Baptista Lucio — a qual muito recommendamos a todos os nossos artistas.

A. F. de M. P.

Meio simples de preparar o acido sulfuroso.

Lançai uma pouca d'agoa em um vaso, bacia, ou balde; collocai no meio deste um tijolo ou pedra, que fique fóra d'agoa, e sobre este alguns pequenos bocados d'enxofre; lançai-lhe o fogo com um carvão aceso, e quando elle arder, cobri-o com um alguidar, ou outro vaso apropriado, de modo, que fique collocado de boca para baixo, tendo as bordas mergulhadas na agoa do balde ou bacia.

O vapor branco, que se fórma pela combustão do enxofre, precipitar-se-ha sobre a agoa, dissolver-se-ha nella, e a acidulará. Repetindo a operação até que a agoa marque 2 ou 3 grãos no areómetro de Beaumé,

tereis um bom acido sulfuroso, que poderá ser applicado vantajosamente nos diversos usos das artes; taes como para tirar aos estofos, e tecidos as nodoas produzidas pelos succos vegetaes, para branqueamento das lãs, e tecidos das mesmas, &c.

Este acido não póde guardar-se muito tempo porque se altera, mas tal inconveniente está compensado pela facilidade de o obter.

A. F. de M. P.

Ação dos acidos mineraes sobre o chlorureto de ouro.

Para termos uma exacta idéa deste objecto, precisamos reverter aos factos geralmente conhecidos. Ao evaporar a solução do ouro no acido nitro-muriatico, o composto, que ao principio tem a côr de ouro, torna-se rubro carregado, logo que a agoa se evapora; e se se arrefece, congela-se em uma massa roxo-escura, muito fusivel, e soluvel outra vez em agoa, voltando á sua verdadeira côr amarella. Mas, se em logar de arrefecer o sal, se expõe de novo ao calor moderado, mas com precaução, resulta chlorina, e o residuo faz-se côr de cidra, insolavel em agoa; porém podendo-se nella decompor a certo tempo, é então soluvel, em parte, neste fluido. A massa róxa é um verdadeiro chlorureto de ouro: o residuo côr de cidra é um sub-chlorureto. Se o ultimo se aquece ainda mais, toda a chlorina escapa, e fica sómente o ouro.

Daqui se póde conceber facilmente a acção dos acidos mineraes sobre o chlorureto de ouro. Quando á sua solução (uma vez que não tenha excesso de acido muriatico) se ajunta em pequena quantidade acido sulphurico concentrado, então não ha mudança; se se lhe ajunta muito, apparece um precipitado vermelho, que se torna amarello, e se redissolve ajuntando-lhe agoa. Este precipitado é chlorureto anhidroso de ouro. Quando depois de se ter ajuntado acido sulphurico á supra-mencionada solução, o liquido se aquece, e se evapora, até que o acido é sufficientemente concentrado a dar

a temperatura de quasi 296° de Fahrenheit, escapa uma abundancia de chlorina (não acido muriatico) e fica sub-chlorureto de ouro amarello no fundo; porém geralmente misturado com ouro metalico, resultado da continuada acção do acido sulphurico. Parece, portanto, que a acção deste acido sobre o chlorureto de ouro é meramente a de um medio para a transmissão do calor.

Os acidos phosphoricos, e arseniosos, e geralmente todos os acidos mineraes, que são saturados com o oxigenio, mas volateis pelo calor, não teem acção notavel sobre o chlorureto de ouro. Quando os acidos saturados com o oxigenio se põem em contacto com o sub-chlorureto de ouro, ha então outra ordem de phenomenos, mas aparentemente só dependendo da agoa que estes acidos contêm.

O effeito da agoa simples no sub-chlorureto é este: o sal metalico decompõe-se, uma porção do ouro que elle contêm, é precipitada, ao abandonar a sua chlorina á outra porção, que agora se torna chlorureto solavel, e se dissolve em agoa. Quando, portanto, o sub chlorureto se põe em contacto com o acido mineral saturado de oxigenio, se o acido é livre d'agoa, como phosphorico vitroso, ou acidos boracicos, não se observa acção alguma entre o sal metalico, e o acido; porém se ha agoa, o sal transforma-se para chlorureto solavel, e o ouro metalico se precipita. Este resultado é mais rapido, á proporção que o acido é mais aquoso; e mesmo é mais expedito n'uma athmosfera humida, sendo coadjuvado por um calor moderado. Todavia em caso nenhum ha desenvolvimento de chlorina, ou formação livre de acido muriatico, uma vez que a evaporação não seja levada ao ponto descripto no primeiro paragrapho sobre os effeitos do acido sulphurico ajudado por calor forte.

Mirandella, 6 de Março
de 1846.

J. S. R. Cardozo.

O COLLAR DA FINADA.

ROMANCE CONTEMPORANEO.

III.

D. Henriqueta, acordando do somno em que jazera, após um breve suspirar, e quasi em anda de todo abrir seus olhos, exclamou.

— Ah! meu Deos! Que aprazivel foi este sonho!... Como elle me aliviou por momentos do terrivel pesadume, que me esmagava o coração!... Julguei sentir aqui uma pessoa, por quem eu fosse amada!... Parece-me, que ainda algum neste mundo se interessava por mim!...

Ao ouvir esta exclamação tão sentida, pronunciada pela voz pausada e frõxa, mas ainda tão suave da doente; e que manifestava toda a agonia, todo o abandono em que aquella alma se achava submergida; D. Maria, com os olhos arrazados de lagrimas, apertando as mãos de D. Henriqueta, e inclinando-se-lhe sobre o rosto, respondeo, apenas a commoção, que experimentára, assim lho permittio.

Sim, minha querida mãe! não vos enganastes... está aqui a vossa filha Maria. Ella vos ama, agora, como sempre. Ella se interessa por vós; e jámais vos abandonára...

As lagrimas, e soluços lhe embargaram novamente o continuar.

D. Henriqueta, a principio estupefacta, e olhando fixamente para D. Maria, não podia acreditar o que então alli se passava; e parecia mesmo duvidar, se com effeito estava acordada. Mas depois, sentindo humedecerem-lhe as mãos as lagrimas de D. Maria, e como se estivesse já certa da realidade daquella scena, então levantou os olhos ao céu, a fim de render-lhe as devidas graças; e logo voltando-os de novo sobre D. Maria, e com um sorriso cheio de gratidão, continuou.

— Oh minha filha! foi Deos, que aqui te conduzo... Se tu soubesses como é doce, sentir chorar sobre nossas mãos, quando á tanto tempo o coração nos está privado

das caricias do amor! . . . ermando só na terra . . . só, e em não merecido abandono! e a alma em continuas tribulações! . . . Se tu pensasses, como é suave, o poder morrer nos braços de uma pessoa, que nos estima; em paz com nós mesmos, tranquilla a consciência, e livre de algum remorso, que a pungia!

Esta scena passava-se tão sem estrondo, e a voz da doente era já tão sumida, que Alberto só então conheceu, que sua mãe havia acordado. Aproximando-se pois della, lhe dirigio as seguintes palavras.

— Como está? minha mãe: passou melhor a noite? . . . já de manhã aqui vim, mas como a senti a dormir, não quiz acordá-la.

— Meu querido filho! os meus dias estão contados! . . . no entanto, sinto-me agora mais alliviada. Dizes que vieste aqui de manhã, mas eu não me lembro de te vêr; nem tampouco de haver pegado no somno.

— Não estive no quarto, minha mãe, mas cheguei à porta, pareceo-me que dormia, e por isso não entrei para a não acordar! . . . talvez eu me enganasse.

A este cumprimento seguiu-se um breve silencio; e Alberto, retirando-se novamente para a janella, continuou a lêr. Parecia não lhe importar muito, se sua mãe haveria conhecido a sua mentira.

E a doente, dirigindo-se novamente a D. Maria, proseguio:

— Quanto eu desejava de te vêr, minha filha! o meu fim está proximo . . . já não o ignoro; e não tenho podido morrer, porque uma terrivel dilação me retinha nesta vida. Eu implorava constantemente a Deos, o não me chamar perante a sua divina justiça, sem que eu te pedis, e, si tu me concedesses uma graça; por isso, vou supplicar-te . . . quere-rás tu ouvir-me?

— Fallai, minha mãe! fallai! . . . vós não haveis de supplicar, vós mandais; e vossa filha sabe obedecer. Que desejareis vós de mim, que eu vos não faça, ainda que para isso sejam necessários os maiores sacrificios.

— Os maiores sacrificios! Ah! como é angelica a tua alma! não, minha filha,

espero, que o teu coração não fará sacrificio em satisfazer ao meu pedido.

Tenho um remorso, que atormenta o meu espirito . . . Que mãos tratos, que eu te dei, e que tu nunca mereceste! . . . O teu perdão . . . o teu perdão é que eu supplico . . . o teu perdão para mim, minha filha!

Ao acabar esta fraze, uma lagrima lhe corria pelas faces descoradas; e D. Maria, que até então havia estado em affectuosa expectação, ao ouvir esta supplica, que fez vibrar a corda mais sensivel de seu coração piedoso, cahio de joelhos; encostada ao leito, e beijando as mãos da doente, por entre soluços, que a custo a deixavam articular suas palavras.

— Minha mãe — lhe disse ella — minha querida mãe! não vos lembreis de cousas, que devem affligir-vos . . . se precisasséis do meu perdão, á muito que vós o tendes. Dai-me a vossa benção; e amemo-nos com um amor de mãe, e de filha. Deos é misericordioso, elle ha de pôr em nós a sua vista omnipotente; elle prolongará ainda os vossos dias.

— Oh minha querida Maria! como eu te conhecia mal! . . . Ainda pedes a minha benção?! . . . Sim, tu é que tens sido a minha verdadeira filha! a ti é que eu devia ter amado com amor de mãe.

— Hoje, o meu arrependimento . . . o meu amor . . . as tuas esperanças pela minha vida . . . tudo . . . tudo vem já tarde.

— Minha filha! possa a tua sorte, anjo do céo, ser neste mundo enganador melhor que a minha; e o Senhor, lá na morada dos justos, recompensará tua bondade. Quanto a mim, já agora não posso fazer-te bem nem mal. Mas em quanto não findo esta vida mal-aventurada, uma outra graça tenho a pedir-te.

D. Henriqueta pronunciou estas ultimas palavras com uma voz muito mais baixa, e lançando o seu braço em volta do pescoço de D. Maria, procurava chégala mais para si, como se alguma coisa tivesse a dizer-lhe em segredo, e que a seu filho mesm-o quizesse occultar. Este porém, vendo que sua mãe se entretinha por tanto tempo com D. Maria, e não tendo podido perceber sobre

que versava a conversação, principiava já a inquietar-se a tal respeito; e notando agora aquella ultima attitude de sua mãe, maior desconfiança concebeo; chegando até a lembrar-lhe, se esta quereria entregar a D. Maria o seu *collar* d'ouro com o retrato de Manoel da Silva, que ella D. Henriqueta havia sempre tanto estimado, e era já então, a unica joia de algum valor, que possuia.

Chamou pois seccamente por D. Maria para junto da janella, e sem que sua mãe o pudesse ouvir, lhe disse com uma expressão cheia d'enfado.

— Será necessario, D. Maria, que eu vos diga, que a vossa impertinente conversa com minha mãe, lhe deve ser muito prejudicial? ignorais vós o estado em que ella se acha? pois sabei, que o medico declarou hontem, e hoje repetio á criada da casa « que a doente devia cuidar das suas disposições, se algumas houvesse por fazer; e socorrer-se aos auxilios do céo, porque naquelles cá da terra, pouca, ou antes nenhuma esperança já restava: não obstante, continuassem a ministrar-lhe o remedio, e sobretudo não consentissem que *alguem estivesse conversando com ella.* » E com quanto eu julgue, que o recipe relativo aos auxilios do céo será talvez estratagemas da criada, beata e credula como quasi todas as velhas das aldeas, a qual desde o principio da molestia não tem cessado de insistir neste ponto; e que até já tirou *escriptos*, e, por um padre hespanhol muito acreditado, mandou fazer *rezas, promessas, e exconjuros* por minha mãe, e sem o ella saber; no entanto, certamente não é assim a respeito do mais; e eu, como filho extremo, nunca consentirei, que uma pessoa estranha venha com sua visita importuna sacrificar minha mãe.

Dito isto, Alberto tornou immediatamente a pegar do seu livro. E D. Maria, irresoluta com tal discurso, deu alguns passos pelo apozento, para ganhar tempo, e moderar seu transporte, ou hir collocar-se um pouco distante da doente, a fim de não lhe dar logar para estar fallando: lembrou-se porém das ultimas palavras, que lhe ouvira, e estas tiveram mais poder sobre D. Maria, que se julgou em consciencia obrigada a escuta-la.

Assim ella voltou para o mesmo logar que d'antes occupava, mas guardando sempre silencio. D. Henriqueta porém apenas a sentio, passando-lhe outra vez o braço em volta do pescoco, e fallando-lhe quasi em segredo, continuou.

— Attende-me, e tem piedade de mim, filha. Olha, tenho soffrido tanto! . . . se es desgostos, e as penas podem matar, então, eu sei bem a morte de que vou finar-me. . . vês ali Alberto? esse filho, que eu sempre idolatrei; e ao qual te sacrificava? pois é elle a causa do estado a que me vês reduzida! . . . eile, esse ingrato, esse desgraçado.

Apezar de tudo, eu o amo ainda hoje, e cada vez mais, se é possivel. Talvez isto te pareça estranho; mas quando tu fores mãe, quando tiveres um filho, então me comprehenderás.

Sei que Alberto é odiado por todos, e o pensar que, quando eu lhe faltar, ninguem cuidará d'elle. . . esta idéa. . . esta lembrança é hoje o meu maior flagello.

Tenho conhecido quanto me estimas, minha filha; mas eu nada já quero para mim: para elle, para meu filho, é que eu pesso a tua estima, e o teu valimento. Sei que a ninguem melhor o poderia recommendar. Tens soffrido muito por mim, e por elle; é verdade. . . e provavelmente não será elle agradecido aos teus cuidados. . . mas eu conheço hoje o teu coração; e sei que não é neste mundo que tu esperas a recompensa dos bens que fazes.

Minha querida filha, promette-me de ser para com Alberto uma verdadeira irmã. . . uma segunda mãe. . . e eu poderei morrer tranquilla.

— Socegai-vos, minha querida mãe; eu serei sempre uma verdadeira irmã para Alberto. Agradeço-vos a confiança, que pondeis em mim; e prometto fazer por desempenha-la.

— Assim o esperava de vós minha filha; e agora vejo que me não enganava. . .

Meu Deos! quanto tenho que vos agradecer! já agora estão cumpridos os meus desejos. Nada faço já neste mundo. . . mas. . . tende misericordia de mim, Senhor, e lembrai-vos de meu filho.

A doente, pronunciando estas ultimas frazes com uma expiração sahida do intimo d'alma, e tendo as mãos e os olhos alevantados para o céo, foi interrompida por Alberto, que vendo nada haver conseguido com a sua admoestação, resolveo mudar de rumo, e arrastando a cadeira em que estava, para junto de D. Maria, principiou a conversar com ella.

— Eis aqui um livro, D. Maria, que apesar de muito moderno, tem já percorrido todo o mundo, qual um dos personagens, que nelle se descrevem; e só em Hespanha se extrahiram oitenta e cinco mil exemplares! e em Portugal! nada menos de quatro edições: por aqui podeis suppor o que terá sido nos outros reinos. Sei que vós gostareis de o lér, porque tendes coração benefico e generoso, e um dos fins que o author daquelle se propoz, foi o melhorar a desgraçada condição de algumas classes de artistas e operarios, exigindo que o seu trabalho seja recompensado com mais equidade.

— É portuguez?

— Está vertido em portuguez; mas o original é francez; é obra do maior romancista, que hoje possui a França, M. Engène Sue.

— Ah, bem sei: é o Judeu errante. Tenho ouvido fallar muito desse romance; e poucas pessoas haverá mesmo em Bragança, que o não tenham lido; alguém tambem lá m'o emprestava para esse fim, mas não accetei, porque me dizem, que falla contra a religião.

— Contra a religião! nada, nada... falla contra os jesuitas, isso sim: mostra a ambição, a hypocrisia, e as tenebrosas manhas de tal gente... põe-lhes a calva á mostra, como se costuma dizer.

— Mas não é isso uma especie de villania? criticar e aviltar homens ou corporações, que já hoje não existem nem em França, nem em Portugal?

— É que os taes melros em França queriam tornar a subir ao poleiro... e são aves tão daninhas, que, se entrarem no pombal, será difficil afugenta-las; e comerão na cavadeira das pombas como fazem os estorninhos.

— Pois bem, será assim em França, mas

não em Portugal: nós não estamos ameaçados por elles, e então pôr assim nas mãos do povo, que sempre confunde os ministros da religião com a mesma religião, pôr assim ao alcance de todos um livro, que trata tão desabridamente os ministros da Igreja (embora indignos); e que além disso, segundo tenho ouvido dizer, é demasiadamente livre n'outros pontos; sempre me parece pouco edificante para a moral publica.

— Muito bem, muito bem... esses são os argumentos dos disfarçados defensores dos jesuitas; mas vós, D. Maria, de certo não conheceis os taes *roupetas*, por isso fallais assim: ora sabei, que hoje mesmo estão dando muita guerra á Suissa, á França, e a outras Nações, donde haviam sido expulsos: e olhai, primeiro que os desterrassê d'entre nós, fizeram suar a testa ao Marquez de Pombal. O sabio Marquez, e muita gente boa, persuadiu-se, que elles não tornavam a *juntar o fato?* pois parece-me que se enganaram! os jesuitas são como a hydra das cem cabeças, que decepadas umas, renascem e pullulão outras, cada vez mais vigorozas e tenazes.

— Dizeis que não estamos ameaçados por elles! e que certeza tendes disso? pelo contrario, suspeita-se, e com bastante fundamento, que já nos andam por casa... Não tendes ouvido fallar no estabelecimento de certas confrarias e associações?...

— Tenho sim; e até já fui convidada para entrar n'uma.

— Já?!... ora vêde como ellas se vão ramificando até ás ultimas pevuações do reino!

E quem vos convidou?

— Foi o meu confessor. O mesmo que me disse, que o romance do *Judeu errante* fallava contra a religião, e que fôra uma impiedade o traduzi-lo.

— Sim?!... já comprehendo...

A este tempo veio a criada annunciar uma nova personagem, e pouco depois entrou no quarto um ecclesiastico gordo, bem parecido, e que representava ter os seus quarenta, a quarenta e cinco annos. Havendo tomado assento, e feitos os devidos cumprimentos, mal que elle acabava, Alberto continuou.

— D. Maria, neste cantinho extremo do reino, onde agora vivemos, nada podemos saber com certeza a tal respeito; mas o senhor padre João, á pouco chegado de Lisboa, poderá esclarecer-nos; e a sua muita virtude e sabedoria, vos não deixarão suspeita a respeito de qualquer cousa, que elle afirme.

— São elogios, que eu não mereço — disse o ecclesiastico interrompendo Alberto: e este continuou.

— Senhor padre João, estavamos fallando nos jesuitas, e se é certo, que elles trabalham por se estabelecer novamente entre nós; que vos parece?

— O que posso dizer-vos a tal respeito, é que, quando fui a Lisboa requerer o meu Benefício, tanto alli como no Porto, muita gente sensata reputava manobra dos jesuitas certas confrarias ou associações, que ultimamente se tem estabelecido entre nós, e algumas das quaes mantem relações com o estrangeiro.

Quanto a mim, desconfio de tantos esforços, com que se pertende excitar a credulidade, e fervor religioso do povo, de tanta virtude e dedicação religiosa, como inculcam os seus annaes, e do zêlo, com que se propagam tantos folhetos asceticos, e de milagres suppostos em Alemanha... em Alemanha, que aliás sempre foi terra de poucos santos, e muitos hereges...

— Como assim?! — exclamou D. Maria — pois associações, que empregam tão santos meios!... Nada, não pôde ser. Pois não vêdes que entram nellas muitas das principaes familias da nobreza, algumas authoridades, e outras pessoas, todas conhecidas pe.os seus sentimentos religiosos?... E então...

— E então, é como vos digo — continuou o ecclesiastico, a quem aquella dvida de D. Maria parecia ter enfadado — Deveis saber, que essa foi sempre a grande tactica dos jesuitas; fazer trabalhar para os seus fins os incautos, e as pessoas de mais credito, influencia e moral; e estes os servem tanto melhor, quanto estão de boa fé, e se persuadem trabalhar sómente para Deos, e pela religião.

— Apoiado, apoiado — interrompeo Alberto. E o ecclesiastico continuou.

— É assim, que elles tem feito nos paizes, cujas leis os não toleram; para depois se alevantarem, e apparecerem fortes, quando tiverem feito proselytos, minado, e corrompido a opinião publica, e subjugado ou destruido os governos, e a liberdade dos povos; porque a homens, que tem acção sobre as consciencias, e para os quaes a religião não é mais que um meio de chegar a seus fins de dominação mundana; a uma congregação tão extensa, e toda ella com uma só vontade, e esta tão uma, tão tenaz, e tão forte, como não ha exemplo nos fastos das nações; a uma tal corporação, nada é impossivel; e a experiencia o tem já mostrado.

Hoje não os vêdes clausurados, e em comunidade, porque as leis civis o prohibem; mas quem vos diz, que elles não andam disfarçados, e espalhados por toda a sociedade, tendo os seus *filiaes* em todas as classes, em todas as profissões, e trabalhando assiduamente na *sua obra*? Pois querieis, que elles se vos apresentassem com as suas negras sotainas, e taes quaes são? Ainda não ha muitos annos, que assim os vio a cidade de Coimbra, e já de posse da mocidade, que cursava os estudos menores, que é esse um dos seus meios favoritos. Mas agora os tempos são outros; hoje isso é impossivel; e então que lhes resta? os seus outros recursos usuaes; a intriga e a hypocrisia... semear, e cultivar, para depois colher...

— Olhai, D. Maria, — acrescentou Alberto — quanto mais fea, e peor é uma cousa, de tantos mais enfeites, e disfarces ella precisa. Á dias, n'um sermão, que prégou o senhor padre João, ouvi-lhe eu contar, como o diabo apparecia enfeitado e bonito, revestindo a mais bella fórma de mulher, quando queria tentar os penitentes, e os monges da Thebaida! mas estes olhavam-lhe logo para os pes, e — *vade retro*: porque os pés, nunca elle os pôde disfarçar: sempre cabruas, e feios, como de quem eram... Pois o tempo, e espero que mais alguem nos certificará, se as taes associações ou confrarias tem tambem pes de cabra jesuiticos...

— Não posso acabar comigo — disse D. Maria — por acreditar inteiramente todas essas cousas; não obstante meu marido ser da

vossa opinião, e fallar da mesma maneira; mas a lembrança de nosso pai, e das doutrinas, que elle nos ensinou... o nosso partido... o meu confessor...

— Oh! o vosso confessor — redarguiu Alberto — o vosso confessor é um jesuita, de boa ou de má fé. As doutrinas, que nosso pai nos ensinou, não estão em opposição com o que agora aqui se tem dito: afirmar o contrario seria calumniar-lo, a elle que, bom realista, aborrecia tambem a inquisição e os jesuitas.

— É que o homem — acudio o ecclesiastico — em todos os governos pôde ser esclarecido e honrado, religioso e livre de fanatismos.

Alberto continuou.

— Nosso pai de certo não approvaria hoje alguns meios, de que muita gente do nosso partido pensa nos devemos servir para fazer triunfar a causa.

— Vosso pai — lhe volveo o ecclesiastico — foi um realista honrado; por educação e convicção afferrado ás doutrinas e praticas dos governos absolutos; mas era esperto e livre de prejuizos, e se hoje existisse, apezar do seu estoicismo, havia de ter modificado muito as suas opiniões.

E enganam-se bem os do vosso partido se pensam, que os meios a que alludis vos hão de trazer a victoria; eu julgo, que acabarão de vos perder. Não ha de ser a inquisição, nem os frades, e menos os jesuitas, que vos hão de alevantar... A monarchia, ou os governos absolutos d'hoje não devem, nem podem já ser os mesmos de á quarenta ou cinquenta annos. E já se não lembram, que quem proscreevo os jesuitas foi o absolutismo?

Ainda quando colligados com tal gente podesseis triumphar, em breve vos arrependereis... tornar-se-hião vossos dominadores... seria afagar, e criar a panthera, que depois vos havia de devorar... nada, nada de inquisição nem de jesuitas.

— Eu cá sou do mesmo voto — declarou Alberto.

— E eu — disse D. Maria — Deos me perdoe se nisto pecco, mas á inquisição tambem lhe tenho horror; e mais nem a ella,

nem aos jesuitas conheci, mas, á excepção do meu confessor, ainda não ouvi uma unica pessoa dizer bem de les; e imputam-lhe tão grandes maldades! tantas catastrophes!

— Pois são duas cousas tão relacionadas — continuou Alberto — que aonde existirem jesuitas, se ha de, por via de regra, prégar a inquisição; e aonde houver inquisição, existirão jesuitas, ou cousa semelhante, que a sustente.

O governo é que eu desejava áleria, a ver se descobria os *pes de cabra jesuiticos das taes associações*... porque nós ainda temos em vigor as leis d'El-Rei D. José.

— Dizeis bem — acudio o ecclesiastico — é necessario não deixar corromper a opinião, e a moral publica; mas eu confio, em que o governo ha de cumprir os seus deveres.

— Meu amo? dois senhores seus conhecidos o procuram alli — disse Clara, entrando no quarto, e pondo uma luz sobre a mesa.

— Dizei-lhe que já vou — respondeo Alberto — provavelmente são dois amigos, que hoje me convidaram para de tarde ir-mos dar um passeio. Já não vem muito sedo.

Então Alberto, feita ao ecclesiastico a devida venia, sahio do quarto; e voltando pouco depois, disse, dirigindo-se primeiro para aquelle.

— O senhor padre João ha de dar licença, que eu me retire por um pouco?

— Oh, pois não, senhor Alberto.

É logo, para D. Maria.

— Minha rica, o assumpto, que tocámos, é muito vasto e importante; um confessor, como o senhor padre João, é que eu vos queria; ou então mais algumas discussões como esta, mas agora não ha tempo, que eu tambem quero assistir, por isso fique a materia adiada, sem que comtudo deixe de ser a ordem do dia para quando se offerecer occasião. Posso porèm assegurar-vos de de já, que o livro não contém cousa alguma contra a verdadeira religião christã, e que sem escrupulo o podeis lér.

Então aproximando-se mais do leito da doente continuou.

— Minha mãi, até logo; estimarei que melhoras vão em augmento.

Dito isto, Alberto sahio de casa acompanhado pelos seus dois amigos.

O ecclesiastico dirigio algumas palavras a D. Henriqueta, que até então parecia dormir, e não haver tomado o menor interesse na conversação, que acabava de ter lugar; como porém aquelle conhecesse, que a elle lhe era já custoso o fallar, recetando ser alli incommodo, em breve se despedio.

E D. Maria, ou porque as ultimas palavras d'Alberto a tivessem feito mudar de fenção, ou por um movimento de curiosidade natural no seu sexo, ou talvez lembrando-se, que seria prejudicial á doente o continuar a conversar, chegou-se para junto da mesa, e, havendo lançado mão do livro, principiou a lêr. Frequentes vezes porém levantava os olhos para observar D. Henriqueta.

Esta, em quem as emoções, porque á pouco passára, haviam feito grande impressão, tornou a sentir-se mais encommoada. Era que o costumado accesso da febre de tarde se lhe aproximava. E logo, com uma voz tremula e sumida, chamou por D. Maria, e a custo pôde dizer-lhe.

— Tenho frio.

Effectivamente a doente tiritava, como um homem, que neste nosso clima houvesse sido exposto nu ao ar frio e gelado das noites de Dezembro ou Janeiro: tinha róxas as unhas, a pelle árida, eriçada de papilas, os olhos encovados, as feições contrahidas, e uma nauzea e ancia interior, que a faziam soffrer terrivelmente.

D. Maria, assustando-se de a vêr em tal estado, sahio immediatamente do quarto, e chamando pela criada, lhe disse.

— Não será possível encontrar agora o senhor Alberto?

— É sim, minha senhora, — respondeo clara, — sei aonde elle costuma estar a estas horas.

— Inda bem, ide breve, e dizei-lhe, que sua mãe está mais doente, e portanto, queira recolher-se já a casa.

Algum tempo depois havia voltado a criada, trazendo a resposta d'Alberto « que em breve viria ».

E a doente, de certo não dirieis então, que

era já a mesma; parecia outra: isto, não porque seus soffrimentos houvessem cessado, mas por terem tomado differente expressão. A sensação de frio, que experimentára, havia succedido um calor mordicante e geral, que parecia abraza-la; a sede era continua, a agitação extrema, os olhos animados, as feições de seu rosto expandidas, e com umas pequenas rosetas de um encarnado vivo sobre as faces.

A infeliz estava sendo preza da febre no seu maior furor; a qual ameaçava devorar-lhe em brevissimo tempo, a pouca vida, que ainda porventura lhe restasse.

No meio destes soffrimentos, D. Henriqueta lançava os braços fóra da roupa, acionando continuamente; e com tímida loquacidade, e uma força, que mal lhe poderiamos já então suppor, se dirigia constantemente para D. Maria. Por alguns momentos esta sahio do quarto, e então mesmo a doente, a sós consigo, exclamava.

— Onde estás? . . . onde estás, meu filho, que não vens despedir-te de tua mãe?

— Pois nem hoje . . . aqui. Hoje mesmo . . . ausente.

— Póde mais o vicio, do que tua mãe moribunda. . .

— Oh! que sorte te espera! como é terrível o futuro, que eu antevejo! . . .

— Que negras idéas me vem agora occorrendo á fantasia. . . A prisão, e a miseria. . . A desesperação e o suicidio. . . O cadafalso e a infamia. . .

— Oh meu Deos! dai-me primeiro a morte. . . a morte! . . . mas não! . . . não me separeis delle. . . ou então levai-o tambem comigo. . . o meu caro filho. . .

D. Maria entrou apressadamente no quarto seguida pela criada. A doente fixando os olhos na primeira, continuou.

— Vem, meu filho, vem abraçar-te com tua mãe! deixemos ambos, e ao mesmo tempo, este mundo enganador; esta sociedade corrompida. . . Que nos fica já hoje nelles? ou que podemos nós perder? . . .

D. MARIA.

— Minha mãe! . . .

D. HENRIQUETA.

— Meu filho!

CLARA.

— M'n'h'ama!

D. HENRIQUETA, estendendo os braços para D. Maria.

— Vem, meu filho, vem abraçar tua mãe! Ah! não tardes. . .

CLARA.

— Senhora! que dizeis! . . . não vedes que não está aqui o senhor Alberto!

D. HENRIQUETA.

— Oh! não! . . . não é elle? . . . Bem entendendo. . . já está prezo. . .

Infeliz de mim! desgraçado de meu filho! . . .

Porque o levais? . . . barbaros! deixai-o: pois não o casuasteis vós a . . .

Meu filho, tinha um coração innocente, qual o de um anjo! . . . para que lho manchasteis?!

Oh! deixai-o! . . . por piedade, senhores . . . deixai-o . . .

Pois não ha mais, que perverter o innocente, e o incauto, com a vossa sociedade, com a vossa decantada civilisação. . . para depois o perseguir, e o punir?!

Justiça do céo! . . .
Exclamando assim, D. Henriqueta forcejava por se lançar fóra do leito; mas não podendo conseguir, já em consequencia de suas poucas forças, já porque D. Maria e a criada a contiveram, deixou-se cahir de bruços, e escondendo as faces com as mãos, desatou em tão impetuoso choro, que nada a podia socorrer.

Por tudo o que acabava de succeder, foi fácil a D. Maria, o conhecer, que a doente havia estado em delirio. Cada vez mais assustada, mas tirando forças da situação em que se achava, revestio-se de animo, e segunda vez mandou chamar Alberto, e ao mesmo tempo o medico, e o parochó. Por esta occasião soube da criada, que, a instancias della, a doente se havia confessado no dia antecedente, o que D. Maria muito estimou.

Alberto ainda desta vez não appareceu! Quando o medico e o parochó chegaram, a moribunda havia recobrado o uso da razão; mas seu estado actual, foi por aquelle declarado — ainda mais assustador. Um suor

frio e viscoso lhe cobria parte do corpo, as mãos e os pés eram como de gelo, a prostração extrema, os olhos apenas semiabertos, a physionomia em extremo alterada, a voz difficil e tão froxa, que mal se lhe podia perceber.

Tendo recebido neste mundo os ultimos socorros da religião, e pouco tempo depois que o relógio da torre havia feito soar a hora aziaga da meia noite, a infeliz D. Henriqueta tinha deixado de existir.

Onde estava porém Alberto, esse filho ingrato, e degenerado, que na solemne e terrível hora do passamento não veio receber a ultima benção de sua extremosa mãe?!

(Continuar-se-ha.)

Antiquidades.

Andando-se a demolir a igreja de Urbach no Baixo-Rheno, a qual se julga pertencer aos primeiros séculos da idade média, achou-se um sepulcro de marmore, contendo o corpo d'um homem collossal, que parecia assás recente, pelo estado em que se achava a frescura da pelle, e a flexibilidade dos membros. O vestuario constava de uma sotaina de côr azul claro com franja d'ouro muito rica, uma alva de linho fino guarnecida de rendas, tudo muito bem conservado. Tinha o cadaver as mãos cruzadas sobre o peito, e pendente dellas um roziario de perolas enfiadas em fio d'ouro, tendo preza uma pequena caixa do feitio de uma medalha, com a seguinte legenda, que se julga pertencer ao seculo 11.º — *Otto imperator, Parrocho Trichiano, sculptori excellentissimo.* — (O Imperador Othon, ao parochó de Urbach, esculptor excellentissimo).

Aquella caixa continha um pergaminho com letras douradas, algumas mui difficéis de lêr; mas pelas quaes se conhecco, que o parochó fóra o author das maravilhosas esculpturas, que havia na igreja.

Vinhos do Douro. — Foram approvadas da 1.ª qualidade 6:565 pipas e meia, incluindo neste numero 1:900 de geropiga: da 2.ª qualidade 10:162: da 3.ª 16:127 e meia: refugo 37:932: total — 70:187.

Ephemerides da historia Portugueza.

Março.

1	1160	D. Gualdim Paes, Mestre dos Templarios, funda o castello de Thomar.
2	1614	Gaspar de Mello e Sampayo, abraza a cidade de Pôr a 40 leguas de Diu.
3	1609	Sebastião Gonsalves Tibão, conquista a ilha de Sundiva.
4	1535	Nascimento do Infante D. Henrique, filho de D. João 1. ^o
5	1811	Evacua Masseua as fuhas de Lisboa.
6	1587	Martim Affonso de Mello entra e arraza a cidade de Monbaça.
7	1630	Conflictio sobre Damão: o Imperador do Mogol é obrigado a retirar-se.
8	1500	Parte para a India o famoso Pedro Alvares Cabral; e descobre o Brazil.
9	1526	D. Henrique de Menezes arraza Coulete, logar forte a 6 legoas de Calecut.
10	1581	Morre em Goa o famoso D. Luiz d'Ataide.
11	1646	Victorias dos Portuguezes contra os Holandezes no Brazil.
12	1814	Entrada do exercito Portuguez em Bordeos.
13	1615	Victoria dos Portuguezes contra o Mogor em Baçaim.
14	1319	Instituição da Ordem de Christo, por ElRei D. Diniz.
15	1558	O famoso poeta Francisco de Sá de Miranda, morre retirado na sua quinta de Tapada na provincia do Minho.
16	1616	D. Vasco da Gama, e D. Francisco Rolim, entram e subjagam a cidade de Soar na costa da Arabia.
17	1504	Duarte Pacheco, destroe uma grossa armada de Calecut.
18	1654	Chega a Lisboa a nova da restauração de Pernambuco.
19	1373	2. ^a vez se fazem as pazes entre ElRei D. Fernando, e D. Henrique de Castella.
20	1499	Vasco da Gama, descoberta a India, passa 2. ^a vez o Cabo de Boa-Esperança.
21	1519	Os Portuguezes entram e destroem a fortaleza do rio de Muar, pertencente ao Rei de Bintão, recolhendo entre os despojos 300 peças.
22	1525	Memoravel facção em Calicut, sobre a fortaleza do mesmo nome.
23	1279	Aclamação d'ElRei D. Diniz.
24	1659	D. Pedro d'Almeida, e D. Luiz d'Almeida, conquistam a ilha de Balzar.
25	1506	Parte de Lisboa com uma armada de 22 velas e 1500 soldados o primeiro vice-rei da India, D. Francisco d'Almeida.
26	1515	Affonso d'Albuquerque conquista pela segunda vez a cidade de Ormuz.
27	1551	Bernardim de Sousa consegue uma insigne victoria nas Molucas.
28	1249	Conquista ElRei D. Affonso 3. ^o aos mouros a cidade de Faro.
29	1559	D. Luiz de Mello da Silva, alcança na India uma insigne victoria naval.
30	1821	Extinção da inquisição.
31	1549	Thomé de Sousa lança os primeiros fundamentos da cidade da Bahia no Brazil.

A. F. de M. P.

Synopsis da Legislação do primeiro semestre de 1846.

Mappa das taxas de profissão de 20 de Dezembro ultimo. — (*Diário do Governo de 2 de Fevereiro*).

Decreto de 30 de Janeiro, contendo o Regulamento para a administração dos theatros. — (*Diário do Governo de 3 de Fevereiro*).

Portaria da mesma data, providenciando sobre a criação de comissões nos Districtos do Reino e filhas, para promoverem uma subscrição a favor dos habitantes da Ilha de Santo Antão, que foram victimas da terrivel epidemia alli occorrida em Outubro ultimo. — (*Diário do Governo de 4 de Fevereiro*).

Portaria de 13 de Fevereiro, sobre a prerogação dos

prazos estabelecidos nos Artigos 86 e 115 do Regulamento Geral, para a repartição de contribuições directas. — (*Diário do Governo de 12 de Fevereiro*).

Portaria de 14 de Fevereiro, declarando que cumpre aos chefes de familia mencionar os creados que estiverem ao seu serviço, quando fizerem as suas declarações. — e que em attenção aos diferentes serviços a que são destinados os jumentos, ao seu insignificante valor, e a outras considerações não se comprehendem na classificação de cavalgaduras menores de que trata o Regulamento das contribuições directas. — (*Diário do Governo de 16 de Fevereiro*).